Monster

Uma história de
Vítor Tury

Índice

Prefácio I 7
Prefácio II 8
Call of duty 17
Está faltando alguém? 27
Gritador 37
Copa Vitoriano Veloso 51
Clube Sem Futebol 59
Decepção 65
Vitória 71
O monstro do arraial 77
A investigação 85
Revelendo o mistério 93
Chegou o fim? 105
Emboscada 113
Um reforço para o CSF 121
Enfim a grande decisão 127
Sem final 135
Futebol e circo 139
O começo de tudo 147
Índice de ilustrações com fotografias 149

Prefácio I

Bom, não vou contar toda a história de como foi a criação do livro, mas vou dizer que o livro foi criado por causa de um estudo para a minha prova de produção de texto.

A prova era no dia seguinte e eu não tinha estudado nada. Até que disse para o meu pai:

-Pai estuda comigo para a prova de produção?

-Claro Filho. Do que vai ser a historia?

Eu disse o tema do livro. E então fomos escrever.

Algum tempo depois (alguns dias) meu pai já tinha feito uma mini história, depois fez uma historia maior. Ele me chamou e pediu opiniões para o livro e etc...

Nesse momento que eu tive a ideia de juntar com nossa viagem para o Bichinho. Daí para frente foram as ideias engraçadas, criações de personagens, características e muito mais.

E assim que foi a criação do livro Monster.

Vítor Tury

Prefácio II

_Pai?

_Oi filho.

_Você me ajuda a estudar?

_Claro Filhão. O que vamos estudar?

_Produção de texto.

_Produção de texto?

_É Pai, essa semana eu vou ter prova de produção. Você me ajuda?

Lembrei se tratar da antiga redação com novo nome. Essas modificações modernas que não entendemos, mas certamente possuem uma razão. Tentei me tranquilizar, embora não soubesse exatamente o que viria.

_Você já tem um tema?

_ Eu estava pensando em uma história minha e dos meus amigos participando de um campeonato de futebol...

Futebol, é claro, pensei.

_Só que um dia o campeonato acabou por causa de um monstro.

_Como assim de um monstro, Vítor?

_É Pai, um monstro entrou no campinho e não deixou ninguém mais jogar.

Foi mais ou menos assim que começou a história do Monster, um estudo para a prova de produção de texto. Além de gostar da iniciativa do garoto, a ideia era realmente boa. Sentamos para conversar melhor e as ideias fluíram. Logo o monstro foi convidado para jogar também e o campeonato prosseguiu.

A semana transcorreu sem problemas. As provas não apresentavam dificuldades para o dedicado garoto e a produção de texto, com outro tema, foi realizada com sucesso.

Semanas se passaram sem que a ideia da história tivesse me abandonado. Aliás, essa é exatamente a característica das boas ideias. Nos perseguem. Um dia, enquanto, assistindo algum filme, fiz a proposta:

_Vítor.

_Oi Pai.

_Lembra aquela história do campeonato de futebol

que não acabou porque tinha um monstro?

_E depois ele foi jogar com a gente?

_Essa mesmo. Vamos escrever um livro com ela?

Não hesitou em momento algum, topou na hora. Mas os dias foram passando, passando sem que o garoto tomasse a iniciativa. Tentei algumas conversas e comecei a rascunhar a história. Vítor se empolgou e também escreveu sua produção de texto sobre a ideia. Sobre ela passei a incrementar dados, algumas passagens e pequenas tramas. A ideia passava a tomar forma de um livrinho infantil. Infelizmente não guardei a produção de texto original. Lamentável.

Com um primeiro tratamento feito, passamos a ler juntos a história e fazer as correções sugeridas. Influenciado pelos livros da coleção “Os Karas” de Pedro Bandeira, Vítor logo sugeriu o nome Chumbinho para o personagem central. Depois de várias versões, a sugestão refletiu diretamente no final do livro.

Junto com o irmão Gabriel, corrigiram, e muito, a linguagem utilizada nos diálogos.

_Ô Pai... Ninguém fala mais “beleza”.

_Então fala o quê?

_Belê.

Foram eles, também, que orientaram e traduziram o “internetês”. Vocês não acham que eu saberia o significado de “stompar”, certo?

Junto com Mãe, que também abraçou o projeto, passamos agradáveis momentos lendo a história. Cada um dos quatro lia em voz alta um pedaço do texto. Lia e sugeria correções.

Quando batemos o martelo e finalizamos a história, percebi que poderia ficar maior do que um livrinho. Já estavam escritas quase 60 folhas. Mais vinte e a encadernação teria lombada, ao invés de grampos. E ainda faltavam as ilustrações.

Não foi preciso muito esforço. Hoje há farta oferta de ilustradores na internet, mas optamos por fechar com um antigo conhecido que topou de imediato. As ilustrações, porém, não vieram tão rápidas assim. Demoraram. Demoraram. E demoraram novamente.

Apesar do atraso, as formas surgiram e agradaram. Impresso o livro teste, alguns ajustes foram necessários. Para a demora não se perpetuar, assumimos o encargo das modificações, mas eis que outra ideia surgiu. Fazer das ilustrações uma rede social.

_Instagram Pai. Todo mundo na minha turma usa.

O que seria um simples ajustes virou histórias paralelas contadas pelas novas ilustrações. Até mesmo um novo personagem. Outra boa jogada do jovem escritor.

Apesar da história pronta, a conversa com outras pessoas sempre acrescentava. Assim surgiram as meninas, o capítulo do “Gritador”, cujo sentimento de Walter carrega minhas memórias, além de outras passagens.

Texto quase definido surgiu a primeira crítica questionando algumas palavras usadas no texto.

Na verdade o livro espelha crianças de dez a quatorze anos em 2013/2014 em São Paulo. Algumas palavras, ditas pesadas, hoje perderam muito seu sentido. Ou alguém ainda mantém o sentido original das gozações da torcida adversária depois de um gol?

Pensei novamente em Pedro Bandeira, talvez nosso maior escritor de livros infantis e juvenis. Em uma de suas entrevistas ele disse que um dos segredos de seu sucesso foi não escrever da forma como os jovens escreviam e falavam.

Acontece que esta não é uma história escrita por um adulto para jovens. É a história criada por uma criança, escrita com um adulto, e corrigida por crianças.

Mas não sou eu quem brigará pela razão. Muito

guerreei por ela na adolescência para ver os porcos andarem com duas patas ao assumirem a fazenda.

O livro teve palavras suavizadas.

Mas também perdeu muito da espontaneidade e do espelho de que são as crianças de hoje.

Então façamos assim. Como a tecnologia nos permite, lançamos duas edições. Uma escolar, com a linguagem polida e outra... bem, para a turma do fundão.

Entre uma ou outra, espero que gostem da leitura.

André Tury (Gui)